



## TEMÁTICA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gisele da Silva Alves<sup>1</sup>  
Iara Tatiana Bonin<sup>2</sup>

### Resumo

Este estudo está inserido no escopo mais amplo da pesquisa intitulada “Pedagogias e Políticas da Diferença em Contextos Interculturais”, na qual se investiga a constituição discursiva das diferenças e as formas de produção de sentidos sobre as distintas culturas. O objetivo deste trabalho é analisar como crianças de 4 anos acolhem e negociam significados sobre os povos indígenas, a partir de cinco atividades propostas em uma turma de Educação Infantil. Essas atividades integraram um projeto de estágio na Educação Infantil, no Curso de Pedagogia, cujo foco foi a temática indígena. Foram utilizados variados artefatos – objetos confeccionados por indígenas, fotografias de uma aldeia indígena, filmes de autoria indígena – para permitir uma aproximação das crianças com contextos culturais diferentes, buscando diversificar o repertório de representações, sem restringi-las aos estereótipos usualmente acionados em comemorações festivas e eventuais apresentações típicas.

Palavras-chave: Estudos Culturais, Temática indígena, Educação Infantil.

### INTRODUÇÃO

Diferente de outros tempos, em que se buscava constituir uma nação unificada e um sentimento de unidade no Brasil, hoje o que se valoriza é a pluralidade que constitui nossas sociedades, e a diversidade de maneiras de pensar e de agir. Contudo, nem sempre essa valorização da diversidade se reverte em práticas com impacto sobre as desigualdades sociais e étnico-raciais. Uma rápida busca na internet mostra como, na atualidade, proliferam fotografias, textos jornalísticos, obras de literatura, filmes, sites, blogs, materiais didáticos por exemplo, exibindo as mais variadas cenas da vida indígena. Há textos e imagens retratando comunidades indígenas que vivem em terras demarcadas, com grandes áreas de florestas e estilos de vida que reconhecemos como “próprios” destes povos. Outros

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia – Bolsista PIBIC/CNPq

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil. PPGEDU/ULBRA– itbonin@gmail.com

materiais mostram os indígenas nos centros urbanos. De modo um tanto fragmentado, recebemos informações sobre as variadas situações socioculturais em que se encontram os indígenas, e estas informações colaboram para ampliar os pontos de vista e contestar as representações simplificadas, homogêneas, genéricas, baseadas em estereótipos, que por longo tempo foram tomadas como verdadeiras sobre os índios.

No espaço escolar, muitas vezes a temática indígena é abordada de modo fragmentado e, quase sempre, a partir de abordagens comemorativas – no “Dia do Índio”. Conforme Bonin (2007), as comemorações oficiais, instituídas na forma de datas nos currículos escolares, são formas de fazer circular versões conciliadoras e harmoniosas de fatos quase sempre conflitivos. Desse modo, colaboram para conferir legitimidade a certos eventos do passado, ordenando-os de modo a confirmar escolhas do presente e a projetá-las para o futuro. Um discurso comemorativo implica um trabalho de lembrança e, ao mesmo tempo, um trabalho de esquecimento. As datas comemorativas não nos permitem esquecer de feitos considerados grandiosos e de utopias nacionais, mas elas servem também para evitar que ganhem relevo outras versões, tais como as dos massacres indígenas, da escravidão negra, da assimetria nas relações entre homens e mulheres, entre outras.

No contexto da Educação infantil, é possível criar experiências de aproximação com a temática indígena sem utilizar estereótipos e sem restringir às datas comemorativas? Provocadas por esta questão, organizamos algumas atividades com crianças da educação infantil, num projeto sobre a temática indígena. Desta experiência decorre esta pesquisa, que tem como objetivo analisar como crianças de 4 anos acolhem e negociam significados sobre os povos indígenas. Organizamos um conjunto de cinco atividades, geradoras de dados para as análises, que serão detalhadas na seção a seguir.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa realizada foi em uma Escola Municipal de Educação infantil do município de Canoas, com a turma do Jardim I, composta por 20 alunos de 4 anos, sendo 14 meninos e 6 meninas. A maioria das crianças residem próximo à escola. O projeto de estágio, do qual decorreu esta pesquisa, foi estruturado em quinze encontros, realizados entre 13 de maio e 29 de abril de 2016.

A metodologia da pesquisa consiste em observação etnográfica e registro de dados em vídeo, no contexto de cinco encontros com as crianças, programados para permitir geração de dados. As conversas e atividades realizadas nestes cinco encontros foram

gravadas em vídeo e posteriormente transcritas, além de terem sido registradas por escrito, em um diário de campo. Também foram consideradas as produções gráficas das crianças, e, para a análise, foram trazidas teorizações de autores como Cunha (2009) e Rose (2001).

Para a pesquisa, foram planejados cinco encontros, com as seguintes estratégias de geração de dados: A primeira estratégia envolveu um pacote de presente e uma carta, endereçada à turma. Na caixa de presente havia um conjunto de objetos fabricados pelos indígenas e a carta continha algumas informações para que as crianças adivinhassem quem, hipoteticamente, havia enviado aquele presente. Ao retirar um objeto, através de uma pequena abertura na tampa da caixa. Os diálogos foram registrados e posteriormente transcritos, e compõem a base empírica deste estudo. A segunda estratégia de produção de dados envolveu a produção de cartas desenhadas para um personagem fictício, chamado Poty (que hipoteticamente enviara os presentes recebidos pelas crianças no primeiro encontro). As cartas-desenho também compõem parte do material analisado nesta pesquisa. A terceira estratégia implicou na “visita de Poty” (um amigo foi convidado a interpretar o personagem para as crianças). As conversas das crianças com Poty foram registradas em vídeo e posteriormente transcritas, integrando também o estudo. A quarta estratégia envolveu o envio de mensagem virtual, através do Whatsapp, de Poty para a turma, e dos alunos, em resposta. Por fim, a última estratégia de produção de dados foi composta de um mascote – boneco com traços indígenas – que as crianças deveriam nomear e que, posteriormente, circulou nas casas das crianças como uma visita especial, acompanhado de um caderno de registros, no qual os pais relatam acontecimentos relevantes envolvendo o visitante. A turma deu, ao Mascote, o nome de Aquitã – assim se chama o protagonista de uma narrativa em vídeo, que eles assistiram no começo do projeto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No processo de análise dos dados da pesquisa – partir das conversas entre as crianças, de seus desenhos e, ainda, de comentários registrados pelos pais em um caderno que circulou entre as famílias – foram organizados três eixos principais: o primeiro diz respeito aos modos como as crianças caracterizam os indígenas em suas expressões orais e gráficas. Observou-se, neste eixo, a reiteração de certos estereótipos corporais, tais como a presença de penas na cabeça dos personagens desenhados, um cenário com construções típicas (ocas). Nas expressões orais as marcas mais comuns são relativas a adereços

corporais, habitações indígenas, sendo estabelecidas relações com imagens presentes em outros produtos culturais.

O segundo eixo de análise reúne os dados relativos às expressões de afeto das crianças para com elementos vinculados ao universo indígena, e tal aspecto adquiriu relevo tanto pelo cuidado para com os objetos que a turma recebeu no primeiro momento, quanto no zelo para com o mascote, observado no espaço escolar e relatado pelos pais, no caderno de registros. Na recepção do mascote registrou-se algumas expressões orais: “*Gui- Ai como ele é lindo!!!*”; “*Val- Tem que cuidar dele né pof!?*”; “*Oli- eu quero levar ele pra minha casa!!!*”; “*Ali- Não vai não! eu vou levar ele no show da fronzem!*”

O terceiro e último eixo de análise diz respeito à intertextualidade, expressa nas relações estabelecidas pelas crianças entre o personagem – Poty – e outros índios vistos em contextos diversos. Cita-se, a seguir, alguns exemplos: “*Cec- Índio, índio.... eu vi você atrás do arbusto no **peixonauta!***”; “*Leo- Índio, sabia que tu mora na floresta bem ali no alfabeto?*”; “*Vin- Ohh...índio, ohhh índio... Eu vi tu atrás do meu carro!*”; “*Cec- Índiooooo, sabia que agente canta sua música!? Tem lá na **galinha pintadinha, 1,2, 3 indiozinhos!!!***”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ampliar os repertórios de imagens da vida indígena a que as crianças têm acesso é um modo de investir em outro tipo de visualidade. Conforme Gillian Rose (2001), a visualidade é o modo como construímos culturalmente nossas maneiras de ver. Ela explica que os diferentes tipos de imagens (fotografia, filme, vídeo, televisão, pinturas, esculturas, propagandas) produzem pontos de vista sobre o mundo, e traduzem o mundo em termos visuais, mas essas formas de exibição também interpretam de certo modo as coisas, oferecendo formas particulares de vermos. Susana Rangel V. Cunha (2009) também argumenta que é necessário escapar das “visualidades dominantes”, que negam outras formas de ser, confinando as crianças a certas imagens recorrentes. “Ao narrar o mundo a partir de determinado ponto de vista, presume-se que existam outros saberes que estão sendo desconsiderados, diminuídos ou desprezados e isso é enfrentamento de forças, implicando disputa de poder em torno do que seja válido para determinadas grupos sociais” (CUNHA, 2009, p. 34). Tais investimentos “formam uma realidade homogênea, que empobrece a pluralidade da vida em contextos interculturais. Além disso, conforme Cunha (2009, p. 40), “as imagens vão validando determinados tipos humanos, enfatizando

estereótipos de classe, étnicos e de gênero em um processo permanente de produção dos sujeitos infantis”.

## **REFERENCIAS**

BONIN, Iara Tatiana. **E por falar em povos indígenas...** quais narrativas contam em práticas pedagógicas? 2007. 220f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. As imagens na Educação Infantil: Uma abordagem a partir da Cultura Visual. **Zero-a-seis** v. 11, n. 19, 2009, p. 26-42.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies.** An introduction to researching with visual materials. 3<sup>rd</sup> Edition. Los Angeles; London; New Delhi; Singapore; Washington DC: Sage Publications Ltd., 2001.